

**poemas**

**TÍTULO:** Poemas

**AUTOR:** António Jacinto

Capa: Luandino Vieira

1.<sup>a</sup> Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1961

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.<sup>a</sup> Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.<sup>a</sup> edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2015

Depósito Legal: 378 492/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

ANTÓNIO JACINTO

*Colectânea  
de  
poemas*

*LISBOA  
MCMLXI*

## COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO  
COSTA ANDRADE

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António  
N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luandino Vieira  
N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos  
N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)  
N.º 5 — *Poemas de Circunstância* de António Cardoso  
N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras* de Costa Andrade  
N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima  
N.º 8 — *Poemas* de Agostinho Neto (1961)  
N.º 9 — *Poemas* de António Jacinto (1961)

## O AUTOR

*ANTÓNIO JACINTO do Amaral Martins* nasceu em Luanda a 28 de Setembro de 1924.

Foi um dos mais destacados elementos do *Movimento dos Novos Intelectuais de Angola* surgido em Luanda por volta de 1950, a que corresponde a revista literária MENSAGEM, antigo órgão da Associação dos Naturais de Angola.

Da importância e da posição do Poeta na literatura angolana nos diz Mário António, também poeta de primeira grandeza e primeiro ensaísta literário angolano: “Pois António Jacinto é o segundo nome da poesia angolana. Alguns dos seus poemas têm tanta popularidade como os melhores de Viriato da Cruz. Ambos vêm sendo incluídos em antologias e referidos por críticos num pé de quase igualdade. Não tem, contudo, a poesia de António Jacinto o aspecto de floração cultural da de Viriato (ainda que de uma cultura não realizada na extensão espaço-temporal). Resulta ela, antes, do choque de uma sensibilidade com um mundo a cujos conflitos se não pode subtrair. E esse mundo é tanto o da cidade de que nos deu o forte «mural» do

«*Poema da Alienação*», como o do campo, de que cantou o trabalhador desconhecido num dos mais fortes poemas reivindicativos da língua portuguesa: «*Monangamba*»”.

A sua obra poética encontra-se dispersa por jornais e revistas. Ainda como todos os poetas da sua geração, excepção feita a Mário António, a sua voz emudeceu por volta de 1953, pouco depois da suspensão da MENSAGEM. Sòmente em 1961 o seu canto se volta a fazer ouvir com a sua *Trilogia* «Retorno à Poesia». A presente colectânea reúne pela primeira vez os seus poemas mais representativos.

Figura no «*Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*» de Francisco José Tenreiro e Mário de Andrade (Lisboa), na «*Antologia de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*» de Mário de Andrade (Paris), em «*Poetas Angolanos*» de C. Eduardo (Ed. da Casa dos Estudantes do Império) e em «*Contistas Angolanos*» (Ed. da C. E. I.).

## descobrimto

— à Rua da Pedreira

*Rua da Amargura, caminho antigo, velho caminho de todos os dias.*

*Caminho de custosas horas passadas sem esperança.*

*Rua da Amargura, a minha rua de todos os dias, distante me apareces agora sem saudade numa imagem esvaiecida de caminho antigo.*

*Rua de horas sem cor, de ser sem esperança, rumo tortuoso, de vómitos suicidas, caminho amargo, rua salgada da Amargura do andar solitário, sem sonho, sem ilusão, sem sabor. Náusea!*

*Ó Rua da Amargura, dos minutos monótonos arrastando-se lentamente, tortuosos nas horas sem cor!*

*Solidão da Rua da Amargura, das canções doentes, minha rua antiga, caminho de todos os dias, já nem és uma lembrança...*

*Canta meu coração, canta meu coração, canta alegremente ao vento e aos espaços, canta bem dentro de mim, feliz e contente, meu coração.*

*Não mais caminharei o caminho de todos os dias —  
Rua da Amargura.*

*Canta meu coração as canções que vibram no meu sangue e queimam os meus lábios roxos. Canta bem dentro de mim, canta de orgulho: Rua da Amargura, caminho antigo, não mais te caminharei, não mais temerei os teus medos e monstros, não mais terás horas sem cor:*

*Canta meu coração, canta o orgulho nobre de ter deixado a Rua da Amargura. Canta alegremente às aves e aos ventos a felicidade de ter achado um outro caminho, de ter descoberto uma outra verdade, a grande verdade que me faz feliz e orgulhoso e grande. Tão grande, tão grande, que, como és pequena, perdida no tempo, velha Rua da Amargura!*

*Ah! Rua da Amargura, não mais serás caminho de todos os dias.*

*Canta meu coração, canta bem dentro de mim e grita esta incomensurável certeza, a maior da minha felicidade, da felicidade humana de quanto me rodeia, a certeza do meu novo rumo imenso, canta bem dentro de mim, canta meu coração, canta enormemente esta realidade santa e bendita, feliz, canta esta descoberta, esta maior descoberta, canta a vibrar infinitamente de contentamento, canta, canta loucamente por chanas e musseques, ventos e seres, canta bem dentro de mim, canta meu coração:*

*Sou POETA!*



## **autobiografia**

O teu sorriso  
espelhado em meus olhos, Mãe;  
Um pouco de Poesia  
a ilimitar todo o presente;  
E a Vida sorrindo também  
ao futuro humano que se presente.

## **u m a q u a d r a**

Que dos céus as estrelas desçam esculpidas em mármore  
E se abatam em mim na dureza pétrea e existente;  
E do chão abafado e maldito onde não desponta árvore  
Crescerá num volume duro meu canto humano e quente.

## **profecia**

Já não há o luar porque a noite morreu.

Chorai vós, poetas — que eu canto o Sol no apogeu!

**canção do entardecer**  
*(cantiga de roda)*

Ó pássaro traz-me o meu filho  
que o sol vai desaparecendo  
muáléba kuléba  
pássaro que vais esvoaçando  
com o sol que vai desaparecendo  
longe, tão longe  
Kumbi diá kinjila!

Desce dos ares, desce à terra  
ave grande  
traz-me o meu filho  
são horas, o sol vai desaparecendo  
muáléba kuléba.  
Já trabalhei ó pássaro  
já cansei  
varri a casa  
acendi o lume

cozinhei  
já zuquei no meu pilão  
traz-me já o meu filho ó pássaro  
que o sol vai desaparecendo  
Kumbi diá kinjila

Ó pássaro  
o sol vai morrendo  
muáléba kuléba  
e hoje ganhei o meu dia  
já cansei  
já capinei, lavrei  
já fui acarretar água  
tenho a casa limpa  
recolhi a criação  
cumpri os meus deveres  
o sol vai morrendo  
são horas de ir descansar  
traz-me o meu filho ó pássaro  
ó kinjila di békéle mona!

Anda, dá-me já o meu filho  
são horas  
Kumbi diá kinjila  
longe tão longe...

.....  
— minha negra, que pedes o filho ao pássaro  
olha o teu homem

que vem cansado da tonga  
dá-me um seio  
tens dois — deixa ao teu filho o outro  
que o sol já vai morrendo  
muáléba kuléba  
longe, tão longe

Kumbi diá kinjila!

## **castigo pró comboio malandro**

Esse comboio malandro  
passa  
passa sempre com a força dele  
    ué ué ué  
    hii hii hii  
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem

O comboio malandro  
passa

Nas janelas muita gente:  
    ai bô viaje  
    adeujo homée  
n'ganas bonitas  
quitadeiras de lenço encarnado  
levam cana no Luanda pra vender  
hii hii hii

aquele vagon de grades tem bois  
múu múu múu

tem outro  
igual como este dos bois  
leva gente,  
                  muita gente como eu  
cheio de poeira  
gente triste como os bois  
gente que vai no contrato

Tem bois que morre no viaje  
mas o preto não morre  
canta como é criança:  
                  «Mulonde iá Késsua uádibalé  
                  uádibalé uádibalé...»

Esse comboio malandro  
sòzinho na estrada de ferro  
passa  
                  passa  
sem respeito  
                  ué ué ué  
com muito fumo na trás  
                  hii hii hii  
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem

Comboio malandro  
o fogo que sai no corpo dele



vai no capim e queima  
vai nas casas dos pretos e queima  
    Esse comboio malandro  
    Já queimou o meu milho.

Se na lavra do milho tem pacaças  
eu faço armadilhas no chão,  
se na lavra tem kiombos  
eu tiro a espingarda de kimbundo  
e mato neles  
mas se vai lá fogo do comboio malandro  
— deixa! —  
    ué ué ué  
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem  
só fica fumo,  
    muito fumo mesmo.

    Mas espera só  
Quando esse comboio malandro descarrilar  
e os brancos chamar os pretos pra empurrar  
eu vou  
mas não empurro  
    — nem com chicote —  
finjo só que faço força  
    aka!

    Comboio malandro  
    você vai ver só o castigo  
    vai dormir mesmo no meio do caminho.

## **c a r t a   d u m   c o n t r a t a d o**

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta que dissesse  
deste anseio  
de te ver  
deste receio  
de te perder  
deste mais que bem querer que sinto  
deste mal indefinido que me persegue  
desta saudade a que vivo todo entregue...

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta de confidências íntimas,  
uma carta de lembranças de ti,  
de ti  
dos teus lábios vermelhos como tacula  
dos teus cabelos negros como dilôa

dos teus olhos doces como macongue  
dos teus seios duros como maboque  
do teu andar de onça  
e dos teus carinhos  
que maiores não encontrei por aí...

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
que recordasse nossos dias na capôpa  
nossas noites perdidos no capim  
que recordasse a sombra que nos caía dos jambos  
o luar que se coava das palmeiras sem fim  
que recordasse a loucura  
da nossa paixão  
e a amargura  
da nossa separação...

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
que a não lesses sem suspirar  
que a escondesses de papai Bombo  
que a sonegasses a mamãe Kieza  
que a relesses sem a frieza  
do esquecimento  
uma carta que em todo o Kilombo  
outra a ela não tivesse merecimento...

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,

uma carta que te levasse o vento que passa  
uma carta que os cajús e cafeeiros  
que as hienas e palancas  
que os jacarés e bagres  
pudessem entender  
para que se o vento a perdesse no caminho  
os bichos e plantas  
compadecidos de nosso pungente sofrer  
de canto em canto  
de lamento em lamento  
de farfalhar em farfalhar  
te levassem puras e quentes  
as palavras ardentes  
as palavras magoadas da minha carta  
que eu queria escrever-te amor...

Eu queria escrever-te uma carta...

Mas ah meu amor, eu não sei compreender  
por que é, por que é, por que é, meu bem  
que tu não sabes ler  
e eu — Oh! Desespero! — não sei escrever também!

## **m o n a n g a m b a**

Naquela roça grande não tem chuva  
é o suor do meu rosto que rega as plantações,

Naquela roça grande tem café maduro  
e aquele vermelho-cereja  
são gotas do meu sangue feitas seiva.

O café vai ser torrado,  
pisado, torturado,  
vai ficar negro, negro da cor do contratado.

Negro da cor do contratado!

Perguntem às aves que cantam,  
aos regatos de alegre serpentear  
e ao vento forte do sertão:

Quem se levanta cedo? quem vai à tonga?  
Quem traz pela estrada longa

a tipóia ou o cacho de dendém?  
Quem capina e em paga recebe desdém  
fuba podre, peixe podre,  
panos ruins, cinquenta argolares  
«porrada se refilares»?

Quem?

Quem faz o milho crescer  
e os laranjais florescer  
— Quem?

Quem dá dinheiro para o patrão comprar  
máquinas, carros, senhoras  
e cabeças de pretos para os motores?

Quem faz o branco prosperar,  
ter barriga grande — ter dinheiro?  
— Quem?

E as aves que cantam,  
os regatos de alegre serpentear  
e o vento forte do sertão  
responderão:

— «Monangambééé...»

Ah! Deixem-me ao menos subir às palmeiras  
Deixem-me beber maruvo, maruvo  
e esquecer diluído nas minhas bebedeiras

— « Monangambééé...»

## era uma vez...

---

Vôvô Bartolomé, ao sol que se coava da mulembeira  
por sobre a entrada da casa de chapa,  
enlanguescido em carcomida cadeira  
vivia

— relembrando-a —  
a história da Teresa mulata

Teresa Mulata!

essa mulata Teresa  
tirada lá do sobrado  
por um preto d'Ambaca  
bem vestido,  
bem falante,  
escrevendo que nem nos livros!



Teresa Mulata

— alumbramento de muito moço —  
pegada por um pobre d'Ambaca  
fez passar muitas conversas  
andou na boca de donos e donas...

Quê da mulata Teresa?

A história da Teresa mulata...

Hum...

Vôvô Bartolomé enlanguescido em carcomida cadeira  
[adormeceu  
o sol se coando da mulembeira veio brincar com as moscas  
[nos lábios ressequidos que sorriem

Chiu! Vôvô tá dormindo!

...O moço d'Ambaca sonhando...

## naufrágio

Minina piquena  
que fugiu à escola  
fez fuga pra brincar

Fez bonecas fez vestidos brincou  
no chão à sombra do cajueiro

Apanhou cem reis  
comprou jinguba  
(já sabe tabuada  
«um e um dois dois e um três»)

subiu aos paus,  
correu cantou dançou  
foi atrás dos soldados a marchar

Foi à praça roubou cola  
foi à praia tomou banho  
pediu um doce ao doceiro

e na venda da Baixa olhando uma boneca  
[grande  
sonhou com muito dinheiro

Viu a patroa de mamãe lavadeira  
andar a escolher coisas  
e ora triste ora prazenteira  
correu saltou brincou livre como os passarinhos  
olhando tudo tão diferente do Musseque  
sem cães vadios sem casas de chapa  
nem porcaria nos caminhos

Minina piquena  
que fugiu à escola  
fez fuga pra brincar

Brincou brincou brincou  
sem ódio nem raiva  
cheia de enganos  
agarrada à boneca suja de trapos  
... tem onze anos  
só sabe rir cantar saltar  
brincar brincar brincar

Minina piquena  
que fugiu à escola  
... um dia

há-de amadurar tristemente cedo  
à luz radiosa do sol quente...  
... às mãos impuras da rua.

## **pântano**

*(Uma história do Musseque)*

Minina feiosa  
estava cheia de desejos  
e não fazia nada  
    ficava na janela desgostosa  
    a pensar ai a imaginar beijos  
    e carícias no seu corpo de abandonada

Minina feiosa  
cheia de desejos  
não fazia nada  
    Nos olhos feios piquininos  
    havia sempre uma luz quente  
    e olhando os mininos da rua  
    ficava com ânsia ardente  
    de ser mãe deles — e olhava-se no espelho nua

Era desejo só desejo  
a tortura a rasgar o seu corpo  
porque não lhe davam beijo  
em todo corpo feio mas não morto

Se o corpo mais que a alma sentia  
e se todo ele existia  
porquê porquê ai porquê  
a insatisfação que se sente e não se vê?

Porquê?

Interrogações e ânsias  
sem beijos nem carícias  
e o corpo a pedir  
a adivinhar  
sem saber o que pedir  
sem saber porquê chorar

Solidão

e os desejos e os desejos a crescer  
e a minina feiosa sem nada fazer

Essa minina feiosa  
que estava cheia de desejo  
agora virou quitata  
Não mais fica na janela a olhar os mininos da rua  
nem sonha ao espelho nua  
as noites de estrelas a lua  
nada dizem — nem mesmo vontade de chorar

Na sua casa entra gente e mais gente  
seu corpo é pegado por mãos e mais mãos  
seus olhos já não têm brilho ardente  
e os beijos  
já não são desejos

O caminho é livre — não tem roteiro,  
caminha quem quer e traz dinheiro  
— No Musseque tem uma mulata  
é coisa barata

A solidão, a solidão continua

Minina feiosa  
— que não sabe o nome dos caminhos da esperança —  
hoje faz tudo tudo tudo  
inda tem a alma cheia de desejos  
a pensar ai a imaginar outros beijos...

## v a d i a g e m

Naquela hora já noite  
quando o vento nos traz mistérios a desvendar  
musseque em fora fui passear às loucuras  
com os rapazes das ilhas:

Uma viola a tocar  
o Chico a cantar  
(Que bem que canta o Chico!)  
e a noite quebrada na luz das nossas vozes

Vieram também, vieram também  
cheirando a flor do mato  
— cheiro grávido de terra fértil —  
as moças das ilhas  
    sangue moço aquecendo  
a Bebiana, a Teresa, a Carminda, a Maria.

Uma viola a tocar  
o Chico a cantar  
a vida aquecida com o sol esquecido  
a noite é caminho  
caminho, caminho, tudo caminho serenamente negro  
sangue fervendo  
cheiro bom a flor do mato  
a Maria a dançar  
(que bem que dança remexendo as ancas!)  
E eu a querer, a querer a Maria  
e ela sem se dar

Vozes dolentes no ar  
a esconder os punhos cerrados  
alegria nas cordas da viola  
alegria nas cordas da garganta  
e os anseios libertados  
das cordas de nos amordaçar

Lua morna a cantar com a gente  
as estrelas se namorando sem romantismo  
na praia da Boavista  
o mar ronronante a nos incitar  
Todos cantando certezas  
a Maria a bailar se aproximando  
sangue a pulsar  
mocidade correndo  
a vida



peito com peito  
beijos e beijos  
as vozes cada vez mais bêbadas de liberdade

A Maria se chegando  
A Maria se entregando

Uma viola a tocar  
e a noite quebrada na luz do nosso amor...

## **poema da alienação**

Não é este ainda o meu poema  
o poema da minha alma e do meu sangue  
não  
Eu ainda não sei nem posso escrever o meu  
[poema  
o grande poema que sinto já circular em mim

O meu poema anda por aí vadio  
no mato ou na cidade  
na voz do vento  
no marulhar do mar  
no Gesto e no Ser

O meu poema anda por aí fora  
envolto em panos garridos  
vendendo-se

vendendo

*«ma limonje ma limonjééé»*

O meu poema corre nas ruas  
com um quibalo pôdre à cabeça  
oferecendo-se  
oferecendo

*«carapau sardinha matona  
ji ferrera ji ferrerééé...»*

O meu poema calcorreia ruas  
*«olha a probíncia» «diááario»*  
e nenhum jornal traz ainda  
o meu poema

O meu poema entra nos cafês  
*«amanhã anda a roda amanhã anda a roda»*  
e a roda do meu poema  
gira que gira  
volta que volta  
nunca muda

*«amanhã anda a roda  
amanhã anda a roda»*

O meu poema vem do Musseque  
ao sábado traz a roupa  
à segunda leva a roupa  
ao sábado entrega a roupa e entrega-se  
à segunda entrega-se e leva a roupa

O meu poema está na aflição  
da filha da lavadeira  
esquiva  
no quarto fechada  
do patrão nuinho a passear  
a fazer apetite a querer violar

O meu poema é quitata  
no Musseque à porta caída duma cubata  
*«remexe remexe  
paga dinheiro  
vem dormir comigo»*

O meu poema joga a bola despreocupado  
no grupo onde todo o mundo é criado  
e grita  
*«obeçaite golo golo»*

O meu poema é contratado  
anda nos cafezais a trabalhar  
o contrato é um fardo  
que custa a carregar  
*«monangambééé»*

O meu poema anda descalço na rua

O meu poema carrega sacos no porto  
enche porões  
esvazia porões  
e arranja força cantando  
*«tué tué tué trr  
arrimbuim puim puim»*

O meu poema vai nas cordas  
encontrou cipaio  
tinha imposto, o patrão  
esqueceu assinar o cartão  
vai na estrada  
cabelo cortado  
*«cabeça rapada  
galinha assada  
ó Zé»*

picareta que pesa  
chicote que canta

O meu poema anda na praça trabalha na cozinha  
vai à oficina  
enche a taberna e a cadeia  
é pobre roto e sujo  
vive na noite da ignorância  
O meu poema nada sabe de si  
nem sabe pedir  
O meu poema foi feito para se dar  
para se entregar  
sem nada exigir

Mas o meu poema não é fatalista  
o meu poema é um poema que já quer  
e já sabe  
o meu poema sou eu-branco  
montado em mim-preto  
a cavalgar pela vida.

## o grande desafio

Naquele tempo

a gente punha despreocupadamente os livros no chão  
ali mesmo naquele largo areal batido de caminhos

[passados

os mesmos trilhos de escravidões

onde hoje passa a avenida luminosamente grande

e com uma bola de meia

bem forrada de rede

bem dura de borracha roubada às borracheiras do Neves

em alegre folguedo, entremeando caçambulas

... a gente fazia um desafio...

O Antoninho

filho desse senhor Moreira da taberna

era o capitão

e nos chamava de ó pá,

Agora virou doutor  
(cajinjeiro como nos tempos antigos)  
passa, passa que nem cumprimenta  
— doutor não conhece preto da escola.

O Zeca era guarda-redes  
    (pópilas, era cada mergulho!  
    Aí rapage — gritava em delírio a garotada)  
Hoje joga num clube da Baixa  
Já foi a Moçambique e no Congo  
Dizem que ele vai ir em Lisboa  
    Já não vem no Musseque  
Esqueceu mesmo a tia Chiminha que lhe criou de pequenino  
nunca mais voltou nos bailes de Don'Ana, nunca mais  
    Vai no Sportingue, no Restauração  
    outras vezes no Choupal  
    que tem quitatas brancas

Mas eu lembro o Zeca pequenino  
    o nosso saudoso guarda-redes!  
Tinha também  
tinha também o Vêlhinho, o Mascote, o Kamauindo...  
    — Coitado do Kamauindo...  
Anda lá na Casa da Reclusão  
    (desesperado deu com duas chapadas na cara  
    do senhor chefe  
    naquele dia em que lhe prendeu e disparatou a mãe)



— O Vêlhinho vive com a Ingrata  
drama de todos os dias  
A Ingrata vai nos brancos receber dinheiro  
e traz pró Vêlhinho beber;  
E o Mascote? Que é feito do Mascote?  
— Ouvi dizer que foi lá em S. Tomé como contratado

É verdade, e o Zé?  
Que é feito, que é feito?  
Aquele rapaz tinha cada finta!  
Hum... deixa só!  
Quando ele pegava com a bola ninguém lhe agarrava  
vertiginosamente até na baliza.

E o Venâncio? O meio-homem pequenino  
que roubava mangas e os lápis nas carteiras?  
Fraquito da fome constante  
quando apanhava um pinhão chorava logo!  
Agora parece que anda lixado  
lixado com doença no peito.

Nunca mais! Nunca mais!  
Tempo da minha descuidada meninice, nunca mais!...

Era bom aquele tempo  
era boa a vida a fugir da escola a trepar aos cajueiros  
a roubar os doceiros e as quitandeiras

às caçambulas:

*Atresa! Ninguém! Ninguém!*

tinha sabor emocionante de aventura  
as fugas aos polícias  
às velhas dos quintais que pulávamos

Vamos fazer escolha, vamos fazer escolha  
...e a gente fazia um desafio...

Oh, como eu gostava!

Eu gostava qualquer dia  
de voltar a fazer medição com o Zeca  
o guarda-redes da Baixa que não conhece mais a gente  
escolhia o Vêlhinho, o Mascote, o Kamauindo, o Zé  
o Venâncio, e o António até  
e íamos fazer um desafio como antigamente!

Ah, como eu gostava...

Mas talvez um dia  
quando as buganvílias alegremente florirem  
quando as bimbas entoarem hinos de madrugada nos  
[capinzais  
quando a sombra das mulembeiras for mais boa  
quando todos os que isoladamente padecemos  
nos encontrarmos iguais como antigamente

talvez a gente ponha  
as dores, as humilhações, os medos  
desesperadamente no chão  
no largo areal batido de caminhos passados  
os mesmos trilhos de escravidões  
onde passa a avenida que ao sol ardente alcatroámos  
e unidos nas ânsias, nas aventuras, nas esperanças  
vamos então fazer um grande desafio...



## ÍNDICE

|                                    |              |    |
|------------------------------------|--------------|----|
| Descobrimento .....                | (1951) ..... | 7  |
| Autobiografia .....                | (1952) ..... | 9  |
| Uma Quadra .....                   | (1952) ..... | 10 |
| Profecia .....                     | (1951) ..... | 11 |
| Canção Do Entardecer .....         | (1951) ..... | 12 |
| Castigo Pró Combóio Malandro ..... | (1950) ..... | 15 |
| Carta Dum Contratado .....         | (1950) ..... | 18 |
| Monangamba .....                   | (1950) ..... | 21 |
| Era Uma Vez .....                  | (1953) ..... | 24 |
| Naufrágio .....                    | (1950) ..... | 26 |
| Pântano .....                      | (1950) ..... | 28 |
| Vadiagem .....                     | (1952) ..... | 31 |
| Poema Da Alienação .....           | (1951) ..... | 34 |
| O Grande Desafio .....             | (1953) ..... | 39 |

Estes poemas foram já divulgados nas seguintes publicações: *Jornal de Angola*, *Mensagem*, *Jornal de Benguela*, *Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (de Francisco José Tenreiro e Mário de Andrade — Lisboa), *Antologia de Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (de Mário de Andrade — Paris) e *Poetas Angolanos* (de C. Eduardo, Ed. da Casa dos Estudantes do Império).



